

## Metáforas da desmetaforização

Franklin Goldgrub <sup>1</sup>

O método psicanalítico clássico, como se sabe, é constituído por duas atitudes complementares: a associação livre e a escuta em atenção flutuante.

Talvez a melhor descrição do método, assim como de tudo o que lhe é estranho (do *furor sanandis* à atitude educativa, da cooperação intelectual ao privilégio de algum conteúdo específico, da troca de confidências à preocupação com a dimensão científica do 'caso'), encontra-se em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*<sup>2</sup>.

O estatuto do método clássico, na atualidade, é bastante peculiar. Embora jamais tenha sido questionado, pode-se suspeitar, ou afirmar com alto grau de probabilidade, que tampouco é praticado — ou praticado integralmente. A ênfase na relação transferencial — quer concebida de acordo com o referencial kleiniano, fundamentado nas posições esquizo-paranóide e depressiva, quer tenha por base o *sujeito suposto saber* lacaniano — faz com que as expectativas afetivas depositadas no psicanalista ocupem o papel central das associações. Em consequência, a escuta psicanalítica se afasta do que Freud preconizava mediante a expressão “atenção flutuante” (ou “uniformemente suspensa”).

A psicanálise está longe de ter atingido o ponto em que o debate sobre o método possa ser feito com profundidade e isenção. O legado freudiano encontra-se dividido em abordagens metodológicas que obedecem a concepções teóricas diferentes acerca do sujeito do inconsciente.

Provavelmente isso acontece na medida em que a própria noção de inconsciente, epicentro da *ciência dos sonhos*, é pensada a partir de óticas contrapostas — incluindo o recurso a fatores biológicos e culturais, de um lado, e de outro à linguagem, cuja descrição por

---

<sup>1</sup> Professor do curso de Psicologia da PUC/SP, autor de *A Máquina do Fantasma*, *A Metáfora Opaca* e *O Neurônio Tagarela*, entre outros livros. Para outros textos (aulas, capítulos de livros, resenhas, artigos) acessar: [www.franklingoldgrub.com](http://www.franklingoldgrub.com)

<sup>2</sup> Sigmund Freud, 1912.

parte de Lacan não extraiu as implicações necessárias a uma fundamentação sólida.

Essa divergência de perspectivas subjaz aos diferentes enfoques metodológicos vigentes.

Freud comparou o processo psicanalítico a um jogo de xadrez, observando que os movimentos iniciais e finais podem ser objeto de prescrições consensuais, enquanto a estratégia que regeria o imprevisível e cambiante cenário desenhado pelo estático *ballet* dependeria exclusivamente dos jogadores — isto é, da interpretação das regras do jogo.

Essa analogia refere menos o 'embate' entre o analista e seu 'paciente' do que o confronto entre o processo de análise e a resistência — ambas posições podendo ser representados pelos dois protagonistas.

Inequivocamente, "*Recomendações...*" dá a entender que o *furor sanandis*, a atitude educativa, a intenção de provar a eficácia da psicanálise, a prioridade concedida a algum tipo de conteúdo, anotar a fala do paciente, avaliar o processo, trocar confidências, buscar o apoio dos parentes, enfim, tudo o que não for o ato interpretativo propriamente dito, constitui um obstáculo à finalidade da análise.

Portanto, resistência.

A utilização do lema de Ambroise Paré ("eu o pensei, Deus o curou") serve como emblema dessa atitude, em que a interpretação se sobrepõe a qualquer outro procedimento ou intenção. Ao mesmo tempo, manifesta a confiança de Freud no poder da palavra. "Eu o pensei" representa o amálgama entre o método e seu efeito (os diferentes significados — arcaico e contemporâneo— do verbo *pensar* favorecem sobremaneira esse raciocínio), enquanto 'Deus' metaforiza o misterioso poder da linguagem e das suas leis.

Há em "*Recomendações...*", porém, um ponto passível de discussão. Refere-se à utilização de sessões anteriores por parte do psicanalista (cuja boa memória seria consequência de não ter recalcado o que ouviu) e, em acréscimo, à eventualidade de uma discussão sobre a confiabilidade dessa evocação.

Dedicado a pensar como a formação médica (quase a regra entre os psicanalistas da primeira geração) poderia atrapalhar a escuta, o

recurso a sessões anteriores mostra como, para o próprio Freud, é difícil abandonar plenamente o referencial da sua matriz profissional.

As gerações posteriores de psicanalistas, em que a porcentagem de médicos diminuiu acentuadamente, parecem ter aceito sem hesitação o recurso a falas proferidas em sessões anteriores. O *hic et nunc* de cada encontro incorpora assim, a pretexto da similaridade dos temas, algo que não lhe pertence de direito. Da mesma maneira que registrar a fala do paciente<sup>3</sup> implica em selecionar ('desatenção flutuante'), cabe supor que o ato de recordar outros conjuntos de associações livres é igualmente incompatível com escutar e apenas escutar.

Um breve exame da questão, tomando por base a linguística, permite entender a autonomia do enunciado. Cada frase ou conjunto de frases pertence única e exclusivamente a seu contexto próprio. Recortada desse conjunto, que é governado pelo sentido, o respectivo teor se transforma em 'dado', ou seja, informação. O seu valor passa a ser referencial (afirmação verdadeira ou falsa, parcial ou totalmente). Nessa perspectiva, o papel central é outorgado às circunstâncias externas e o sujeito, correspondentemente, entra em eclipse.

Assim como extrair qualquer palavra de uma frase para referir seu significado ao dicionário sacrificaria a compreensão do enunciado no qual está inserida, a recuperação de enunciados proferidos no âmbito de determinado conjunto de associações livres para inseri-lo em outro, também resulta numa renúncia. Desta vez, em relação ao sentido, cujo lugar é usurpado pela significação.

A relação parte/todo também pode ser referida ao significado, que contém um elemento referencial evidente (valor semântico da palavra). Menos evidente é a dependência de cada palavra em relação ao conjunto (a dimensão semântica — o léxico — da língua), algo que Saussure descreveu em sua 'teoria do valor'.

A significação decorre da organização sintática da frase, ou seja, da articulação entre um grupo de palavras. A significação de cada frase se insere, por sua vez, na significação de um conjunto de frases, que

---

<sup>3</sup>O *cartoon* típico costuma mostrar o psicanalista atarefado com seu caderninho de notas.

impõe a cada enunciado uma inflexão particular, da mesma maneira que cada palavra, no interior da frase, reflete e se reflete (n)as outras.

A significação é consciente — ainda que o respectivo mecanismo seja inconsciente, seu efeito situa-se no âmbito da compreensão intelectual.

O sentido é inconsciente.

A significação insere-se no saber prévio. O sentido não tem qualquer compromisso com o saber prévio. É independente dele. A interpretação só será possível mediante o abandono de qualquer preocupação ou intenção consciente. Efetivamente, em "Recomendações...", Freud preconiza que o psicanalista se abandone à "memória inconsciente".

Habitualmente considerados sinônimos, os verbos compreender e interpretar, ao menos em sua acepção psicanalítica, são totalmente opostos.

Freud observa que o sentido subjacente às associações emerge retrospectivamente: "... *não devemos esquecer que o que se escuta, na maioria das vezes, são coisas cujo significado só é identificado posteriormente*"<sup>4</sup>. A escuta (que prepara o impacto do sentido) ocupa o lugar concedido, na interlocução (ou na leitura), à compreensão.

Similarmente, no âmbito da frase, é o ponto final (escrito ou prosódico) que dá início ao movimento retroativo responsável pela compreensão.

Em "Recomendações..." Freud utiliza a notável metáfora da comunicação telefônica, comparando a voz no aparelho emissor ao sentido, transformado em ondas elétricas (associações livres, ou seja, significação) para percorrer os fios e cabos que separam o ponto de partida do ponto de chegada, cabendo ao aparelho receptor (a escuta em atenção flutuante) retransformar em fala (sentido) as oscilações elétricas.

Duas metáforas podem ilustrar a importância de considerar apenas as associações livres "*in praesentiae*", para utilizar uma expressão de

<sup>4</sup> A ressalva "na maioria das vezes" é desnecessária e o termo "significado", se referido à terminologia da linguística, seria redesignado como "sentido".

Saussure, renunciando a quaisquer temas (por similares que pareçam), presentes em sessões anteriores.

-----

### O quebra-cabeças

As frases proferidas em regime de associação livre podem ser comparadas às peças de um quebra-cabeças. Entretanto, ao contrário das caixas onde esses jogos são habitualmente acondicionados, em cujas capas a figura final aparece desenhada, o psicanalista não tem a menor idéia do que aparecerá quando o quebra-cabeças estiver montado (parcial ou totalmente).

Assim como o método clássico supõe que cada palavra e cada frase têm igual valor — não há temas nem mais nem menos importantes, quer sejam edipianos, transferenciais, atos falhos ou sonhos — o interesse das peças advém da sua posição no conjunto. Não há sequer uma que seja supérflua ou imprescindível.

Os encaixes feitos “as cegas” precedem a figura, que é antes a consequência do que a causa do processo. Apenas a partir da articulação de um bom número de peças é possível começar a vislumbrar algo da imagem.

A cor, ou qualquer outra pista, é irrelevante, quando comparada com a combinação dos minúsculos contornos (pensemos em um quebra-cabeças que não tenha bordas retas, de 100 ou 200 peças, número de ordem comparável à quantidade de frases proferidas em uma ‘sessão’). É a sintaxe, muito mais do que o significado ou a significação, que governa o impacto das associações livres sobre a escuta em atenção flutuante.

A temática importa menos que a forma pela qual é veiculada. Dez sessões que tivessem por conteúdo central o mesmo filme ou o mesmo livro seriam ainda assim, no plano do respectivo sentido, tão diferentes como sessões cujo teor não apresentasse a menor semelhança no nível manifesto.

Similarmente, irmãos gêmeos são tão diferentes em sua estrutura psíquica (valores, fantasias, ideais, etc., ou seja, a relação com a falta) como irmãos não gêmeos (ou quaisquer outras pessoas).

Em se tratando do quebra-cabeças habitual, suponhamos, para dar continuidade às implicações dessa metáfora, que, por um erro da fábrica ou do artesão, a imagem que aparece na capa da caixa não corresponda às peças. Nesse caso, a capa do quebra-cabeças poderia ser comparada com a teoria psicanalítica, habitual guia da escuta não flutuante.

O respectivo tipo de intervenção obedece a um modelo prévio, que força o encaixe das peças consideradas relevantes enquanto abandona as demais<sup>5</sup>. Já a escuta em atenção flutuante renuncia a prever a figura, cuja aparição será tão surpreendente para a poltrona como para o divã.

Utilizar associações de sessões anteriores seria o mesmo que tomar algumas peças de outro quebra-cabeças, em função da semelhança das cores (temas), para empregá-las na montagem atual..

Há duas possibilidades: 1) elas não se encaixam (as bordas são diferentes); 2) se por uma coincidência notável acontecer o encaixe, a figura ficará alterada.

A teoria do sujeito (a teoria psicanalítica) funciona exatamente como imagem (já pronta) — o paciente é visto como pessoa, com tais ou quais características, quer edipianas, quer transferenciais, aliás habitualmente combinadas. A generalização tende a ocupar o espaço da singularidade. Inversamente, a escuta em atenção flutuante não se ampara na teoria do sujeito. A sua única referência é a teoria do método. A atenção flutuante renuncia ao saber para oferecer-se à descoberta. Sabe que não sabe — assim como a associação livre não sabe que sabe.

#### Cinema (ou teatro)

Costumamos confundir, ou sobrepor, o ator e o personagem, e isso por boas razões. O ator está no filme (ou na peça de teatro) como personagem, não como pessoa. Separar o ator da personagem seria o mesmo que desconsiderar a associação livre em benefício do diagnóstico, cuja referência é a pessoa.

---

<sup>5</sup> Piera Aulagnier propôs, para ilustrar esse procedimento, uma excelente expressão: 'O divã de Procusto'.

No filme ou na peça, o ator se transforma em personagem. Similarmente, as associações livres (personagem) transformam de uma vez por todas a 'pessoa' (o "paciente") em ator. (Ator: sentido ou desejo, isto é, relação com a falta).

O personagem, por sua vez, pertence tanto à trama (ao enredo, à história), como cada peça ao quebra-cabeças.

Quer nos "filmes-série" (Rambo I, II, III... ou O Silêncio dos Inocentes e sua sequência, por exemplo), em que o mesmo ator costuma representar o mesmo personagem, quer na cinematografia de Woody Allen, caracterizada frequentemente por situações semelhantes (o herói desajeitado e inseguro que enfrenta o rival mais jovem e bonito), a similaridade não elimina nem secundariza a diferença.

Cada filme é um filme, cada conjunto de associações livres é diferente de outro conjunto de associações livres.

Assistir a um novo filme do mesmo diretor, roteirista, atriz e ator, com a expectativa de reencontrar o personagem que produziu o encantamento inicial (o 'diagnóstico'), torna o expectador prisioneiro da sua antecipação. Considerar as sessões anteriores como referência pertinente em relação à atual sequestra a escuta e a subordina a um saber prévio.

Nesse caso, sempre se assiste ao mesmo filme. A famosíssima repetição, pretexto da superioridade entediada tão comum nos psicanalistas, é deles, não do 'paciente'.

No novo filme o ator-herói pode ter-se transformado em vilão, a atriz rebelde em mulher convencional, a história interessante em relato tedioso. E vice-versa, para não falar das inúmeras variações de sentimentos e atitudes que caracterizam um personagem. A maquiagem altera a idade. O ângulo da câmera e a iluminação acentuam ou suprimem traços, omitem ou exageram expressões. A montagem cria, recria, transforma.

Os "temas", personagens secundários que atuam como coadjuvantes na associação livre ('pai', 'mãe', 'esposa', 'marido', 'amante', 'filha', 'filho', 'admiração', 'decepção', 'ódio', 'amor', 'auto-imagem', 'indulgência', 'crítica', 'ideal', 'omissão', 'exagero', 'exatidão', 'tagarelice', 'concisão', 'generalização', 'especificidade', 'justificativa',

'valorização', 'desvalorização', 'racionalização', 'virtude', 'degradação', etc. ) mudam — ou podem mudar — de posição em cada conjunto de enunciados, compondo diferentes configurações, derivadas de um sentido singular. O caleidoscópio metaforiza essa variância.

(Semelhança, os mesmos acordes podem desempenhar funções díspares nas harmonias musicais, inclusive quando se trata da mesma composição, tratada diferentemente nos arranjos).

Supor que o 'paciente' é enquadrável em um diagnóstico (nosográfico e/ou transferencial) corresponde a referenciar o ator pela pessoa, separando-o do personagem. O ator (ou seja, o sentido), só aparecerá graças aos personagens (associações livres) que o representam — e que ele existe para representar. A 'pessoa' (supostamente a referência básica da prática psicanalítica) desaparece, se é que chegou a existir; ela não é senão a miragem criada incessantemente pela mistura e pela separação do ator e do personagem.

O personagem, por sua vez, respira em função do lugar que ocupa no roteiro. Nessa perspectiva, a metáfora é semelhante à do quebra-cabeças: cada peça integra um conjunto do qual é inseparável.

O psicanalista, assim como o espectador, só se depara com o personagem, de cujas manifestações emerge o ator — mas não a pessoa. O personagem situa-se no interior de uma 'história' ou roteiro, expresso por um conjunto específico de associações livres, que não se repetirá, mesmo que a eventual insistência de determinada temática no conteúdo manifesto possa causar a ilusão da semelhança.

Outro exemplo da não repetição: certos sonhos e certos sintomas, chamados 'típicos', pareceriam, mediante a reiteração do mesmo conteúdo, apontar para a reaparição do idêntico. Entretanto, supor que há comportamentos comuns a diferentes pessoas (devidos à eficácia de uma mesma causa externa) corresponde a confundir significação e sentido.

A presença das mesmas palavras em duas frases diferentes não sinonimiza sua significação.

Similarmente, a significação nunca deixa de estar subordinada ao sentido. O mesmo sonho típico (por exemplo: estar nu em meio a

uma multidão, geralmente associado ao exibicionismo) jamais veicula o mesmo sentido, visto que as respectivas associações (o conjunto que enquadra as peças, o roteiro que situa o personagem) nunca são as mesmas.

Ainda que a atribuição genérica de exibicionismo seja plausível, cada ator/personagem o manifestaria de maneira absolutamente singular (conteúdo e forma). O teor do exibicionismo é diferente (não só para cada ator, mas em cada personagem que ele representa, e que o representa).

O expectador ainda pode supor conhecer algo da vida dos astros que admira na tela, embora o seu interesse provenha unicamente da respectiva atuação. Já o psicanalista sabe (ou está em posição de saber) que nada existe além do personagem, ou seja, das frases proferidas do início ao fim de cada sessão. Elas não se referem àquilo a que se referem. Dizem algo a respeito do ator (sentido ou desejo). Nada além, nada antes nem depois.

A peça de teatro não copia a 'realidade'. Usa a 'realidade' como pretexto para vir à existência, mediante a carne e osso fictícia de diálogos e situações, cenários e figurinos — dando à luz, de passagem, ao autor (inconsciente), ao ator (sujeito, sentido) e ao personagem (associações).

O ator se manifesta nos personagens que representa. O rosto é a máscara da máscara.

Freud comentou<sup>6</sup>, comparando a intensificação da transferência a um grito de incêndio no teatro, que a porta de saída reconduz aos bastidores e ao palco.

O teatro também pode ser o sujeito, em cujo palco várias peças foram e estão sendo apresentadas.

Às vezes, uma peça é re-encenada, mas com outros atores e outra direção. Muda a marcação, mudam os gestos, muda a inflexão, muda o timbre das vozes. O personagem continua definido pelas suas falas, mas, na medida em que a "história" é contada de outra maneira e que os atores são outros, ele não será o mesmo.

---

<sup>6</sup> Observações sobre o amor transferencial (1915)

Fora do teatro não há senão teatros, cada palco termina em outro palco e as peças continuam sendo infiéis a si mesmas.

quarta-feira, 25 de julho de 2012 10:47

[www.franklingoldgrub.com](http://www.franklingoldgrub.com)

